

paralelismo) estes poemas lembram o tom cristalino e pungente das cantigas medievais.

Sua utilização de uma tradição poética permite diferenciá-lo do muito que existe no país de modismo de vanguarda e superficial que caracteriza certos movimentos. Ele evita traços de populismo e espontaneísmo, constrói um discurso despojado e simples, mais comprometido com a veracidade do que está sendo dito do que com obscuras e vazias ordenações estéticas.

NAOMI HOKI MONIZ

*Harvard University.*

ÉLBIO PRATES PICCOLI: *De um Mealheiro de Histórias*. Porto Alegre: Editora Garatuja/Co-edições UFRS, 1977.

Élbio Prates Piccoli nasceu em 1925 em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul. Oficial da reserva, passou a dedicar-se à literatura a partir de 1974. É detentor do 2.º lugar do I Concurso Nacional de Contos promovido pelo *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro em 1975. Em 1976, arrebatou os três primeiros lugares (sob pseudônimos diferentes) do Concurso de Contos Regionais no seu estado. *De um Mealheiro de Histórias* foi publicado por recomendação da Comissão Julgadora do I Concurso Universitário de Literatura da UFRGS, que atribuiu o primeiro lugar ao seu conto «Dia dos Azares», que faz parte do conjunto de contos que apresentou para julgamento.

O autor pertence a uma longa tradição literária gauchesca, estabelecida por autores como Alcides Maia, Simões Lopes Neto, Augusto Meyer, Érico Veríssimo e Josué Guimarães. Assim, o regionalismo literário é o caminho escolhido pelo autor e os seus contos podem ser agrupados, em geral, ao redor de dois temas predominantes: a gauchesca e o seu *ethos* e as evocações da infância. No primeiro, ele apresenta-nos uma contemplação nostálgica (e o desaparecimento progressivo) do tipo clássico gaúcho nos contos «Dia dos Azares», «Eh... Coronel!», «Êxodo» e «Quando as máquinas chegaram». O segundo grupo temático gira em torno de um menino; repetem-se —sobre o fundo de quintal ou vilarejo— as cenas da educação sentimental de um jovem supostamente inocente, e a trajetória do campo para a cidade, comuns na ficção brasileira («Um Adeus», «A Mulher do Alfaiate», «Aconteci-cência»).

O tom predominante nos contos é a nostalgia de um mundo antigo, rural e portanto mais próximo da natureza. A imagem do trem, cortando os pampas ou levando a família do camponês para a Capital, é uma metáfora dos tempos novos; o trem substitui a figura do cavalo/cavaleiro que é arquétipo do heroísmo, virilidade e grandeza do gaúcho. É a força irreversível do progresso e a força perturbadora e destruidora de um modo de viver.

Piccoli afirma-se como escritor que se mostra conhecedor do seu ofício e com domínio da língua. Ele vale-se da técnica narrativa, na qual a escrita do texto é a narração do personagem falando a um hipotético ouvinte, o «doutor» («Dia dos Azares» e «Eh... Coronel!»), método esse, consagrado por Guimarães Rosa. Ainda à maneira rosiana, Piccoli preocupa-se com as forças virtuais da linguagem e recria a musicalidade da fala do gaúcho. Sua frase adquire o ritmo popular, faz uso de aliterações, deslocamento de sintaxe, onomatopéia, da redondilha menor e chega a haver momentos onde o signo estético, além do referente semântico, é impregnado

de formas e sons que aproximam o significante do significado, da forma mais íntima. Por exemplo, o trecho de «Êxodo» que descreve a partida melancólica de uma família sertaneja numa estação de trem: «Toda a gente: com trastes, tarecos, de truques e tretas, a bufos, aos bofes, suores, e lágrimas, e risos, de dor, de alegria, dos que vêm, dos que vão, dos que chegam e ficam» (p. 102).

Embora não tenha criado uma linguagem literária inovadora, o autor foi capaz de criar uma forma própria e de manter o mesmo nível de qualidade e vigor da narrativa na maior parte dos seus contos. *De um Mealheiro de Histórias* não é um marco novo na literatura brasileira mas é um bom representante da tradição literária gauchesca.

NAOMI HOKI MONIZ

*Harvard University.*

CLARICE LISPECTOR: *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Editôra Nova Fronteira, 1978.

La muerte de Clarice Lispector —el 1 de diciembre de 1977, y lo decimos sin relativismos valorativos— fue un golpe rudo para las letras nacionales y universales. En pleno apogeo de su creatividad, mucho se podría esperar aún de esta artista tan consciente de su quehacer literario y que, con su arte inconformista, experimental, al lado de Guimarães Rosa abrió nuevos rumbos a la literatura brasileña, incrementando el proceso de desestructuración de la narrativa tradicional.

Contemplando «a face sem rugas da eternidade» (pág. 88), enfrentando el abismo eterno del infinito, Clarice nos dejó en *Um sopro de vida* una historia que dinamiza su universo interior, donde reitera sus obsesiones en un lenguaje bello y persuasivo, rico en imágenes, visionario, dialógico y connotativo, con un potencial simbólico, en que introduce un aire de naturalidad, creando un mundo poético paralelo al de la naturaleza. Es éste su modo de entender al mundo: expresarlo hasta sus últimas consecuencias. El misterio se establece y cada imagen encierra un enigma, lo que las hace reconducir al significado originario. La ficción recobra, así, una realidad perdida y rompe con una existencia masificada. El siglo xx, con su progreso técnico, creando una sociedad despersonalizada, no resolvió los problemas del hombre: éste se angustia cada vez más. La noción de racionalidad, de lo real convencional, pasa a ser cuestionada en las relaciones humanas contradictorias, un clima de duda y perplejidad se forma, donde la crisis del lenguaje, de la obra que, al contestarse, contesta las convenciones que la posibilitaron, relacionando los elementos constitutivos de la narrativa de manera nueva. La literatura se quiere también realidad. Busca los valores de un mundo axiológico real dislocado y oculto por la irrealidad del oficial. Lo estereotipado y lo aparente lo presiden. La institucionalidad oculta el «rumor de vida».

El criterio de reducción del conocimiento al estrictamente empírico alienó al hombre. El ser humano ha sido separado de un mundo que siente e intuye ligado a su existencia, pero irreductible a fórmulas científicas. Los que perciben otra alternativa deben perseguirla, alcanzarla y poseerla para poder ser. De ahí que, para Clarice, «ser é o princípio unificador de tudo» (pág. 20). *Um sopro de vida* es la lucha entre el ser y el existir. Clarice poseía una visión de algo más allá de su naturaleza humana, intuyendo otro extracto de realidad distinta de lo limitado por la